

FUTEBOL FEMININO, IDENTIDADE DE GÊNERO E SEXISMO

Emerson Antônio Brancher¹, Emanuel Vinícius Petri Pereira¹, Letícia Maria de Moura¹
Sara Regina da Silva¹, André Gustavo Dalmolin¹

RESUMO

A participação feminina no futebol é permeada por dificuldades, preconceitos e superações. Assim, este estudo de revisão de literatura teve como objetivo analisar a produção científica sobre a identidade de gênero e o sexismo no futebol feminino a partir da pesquisa em bases de dados e nas revistas brasileiras de Educação Física (2007 a 2020). Nas coletas de dados, foram selecionadas as palavras-chaves futebol feminino, identidade de gênero e preconceito no futebol feminino. Os resultados demonstram que as praticantes de futebol feminino são pouco retratadas pela mídia e sofrem diversas formas de preconceito, apesar do crescente número de mulheres competindo. Por fim, identifica-se que os temas são pouco discutidos nas principais revistas da Educação Física no Brasil.

Palavras-chave: Futebol. Identidade de Gênero. Sexismo.

ABSTRACT

Female football, gender identity and sexism

Female participation in football is permeated by difficulties, prejudices and overcoming. Thus, this literature review aimed to analyze the scientific production on gender identity and sexism in women's football based on research in databases and in Brazilian journals of Physical Education (2007 to 2020). In the data collection, we selected the keywords female football, gender identity and prejudice in female football. The results show that female football players are poorly portrayed by the media and suffer various forms of prejudice, despite the growing number of women competing in football. Finally, it is identified that the topics are rarely discussed in the main journals of Physical Education in Brazil.

Key words: Football. Gender Identity. Sexism.

1 - Universidade Regional de Blumenau-FURB,
Blumenau, Santa Catarina, Brasil,

E-mail dos autores:
emerson@furb.br
evppereira@furb.br
lmmoura@furb.br
sararegina@furb.br
adalmolin@furb.br

Autor correspondente:
Emerson Antônio Brancher.
emerson@furb.br
Universidade Regional de Blumenau-FURB.
Rua dos Pioneiros, 600.
Água Verde, Blumenau, Santa Catarina, Brasil.
CEP: 89042-020.

INTRODUÇÃO

Nos últimos séculos, a crescente participação da mulher em territórios legitimamente considerados como masculinos têm revelado uma nova dinâmica social caracterizada, especialmente, pela redução das diferenças entre os gêneros (Rago, 2007, Batista, Devede, 2009).

Martins e Moraes (2007) apontam o futebol como uma das modalidades esportivas mais praticadas em todo o mundo. Sua história, o envolvimento da mídia, a sua inserção em diferentes culturas, o interesse comercial de marketing por trás das equipes e dos campeonatos e o alcance dos campeonatos locais e mundiais, têm demonstrado isso ao longo dos anos.

Entretanto, há uma peculiaridade neste esporte que é a forma de envolvimento das mulheres e o tratamento que os meios de comunicação dão à participação feminina.

Os relatos históricos brasileiros que abordam a participação feminina no futebol feminino são permeados por situações que envolvem dificuldades e superações, ou mesmo, lutas que nem sempre são apresentadas de forma explícita e aparente pelos meios de comunicação.

Se retornarmos a meados do século passado é possível identificar que algumas modalidades esportivas eram mais indicadas, ou mesmo, incentivadas em detrimento ao gênero das praticantes.

No âmbito das práticas corporais, por exemplo, é possível apontar para a inserção cada vez maior da mulher na dimensão do esporte.

No caso do futebol, esporte tradicionalmente associado à virilidade e ao esforço físico masculino, tem-se percebido um aumento na participação feminina impulsionada pela realização de competições internacionais como a Copa do mundo de futebol e a inserção do futebol feminino nas Olimpíadas (Teixeira, Caminha, 2013).

Dentre as modalidades incentivadas ao público feminino estão aquelas que visam à conservação das formas corporais em conformidade com normatividade de gênero, a suavidade dos gestos e o condicionamento físico com vistas à manutenção e à promoção da saúde das futuras mães, tais como ginástica, dança e natação.

Ao contrário, as práticas esportivas que pudessem ocasionar algum desvio corporal ou de conduta, foram limitadas as mulheres, dentre essas práticas podemos destacar o futebol, espaço reservado ao público masculino.

Goellner (2005) retratou que na atualidade o esporte é um fenômeno de grande abrangência e visibilidade. Em função da sua importância social ele se desenvolve cotidianamente nas cidades, despertando o interesse das pessoas, mobilizando paixões, evocando sentimentos, criando representações de corpo, enfim, convocando a nossa imediata participação.”

De acordo com Gabriel e Júnior (2016), mesmo ocupando um grande espaço na mídia, o futebol ainda é ao mesmo tempo um dos campos que promove continuamente uma grande desigualdade entre os homens e as mulheres.

Desigualdade que é redimensionada através da mídia, um equipamento simbólico capaz de influenciar o imaginário social em relação às formas de pensar, sentir, agir, ou seja, viver.

Assim, este estudo de revisão de literatura teve como objetivo analisar a produção científica sobre identidade de gênero e o preconceito de gênero (sexismo) no futebol feminino.

MATERIAIS E MÉTODOS

Para a realização deste estudo foram pesquisadas as bases de dados do Google Acadêmico, Scielo, Capes e as revistas brasileiras de educação física que abordem o tema futebol feminino: Revista Movimento, Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, Revista Brasileira de Ciência e Esporte, Revista Pensar a Prática, Revista Motrivivência, Revista Brasileira Ciência e Movimento, Revista da Educação Física UEM e Revista Brasileira de Futsal e Futebol.

Trata-se de uma pesquisa de revisão de literatura de cunho qualitativo além de caracterizar-se como um estudo epistemológico.

Como procedimento de coletas de dados foram selecionadas as seguintes palavras-chaves: futebol feminino, identidade de gênero e preconceito no futebol feminino.

Os artigos foram lidos na íntegra e de imediato deveriam conter nos seus resumos alguma das seguintes palavras citadas acima bem como apresentar uma relação entre elas, caso não houvesse uso de alguma destas palavras-chaves, o artigo era imediatamente descartado. Os anos de análise dos artigos foram de 2007 a 2020.

Após a coleta dos artigos eles foram separados em uma planilha que continha: nome do artigo, autores, objetivo do trabalho, número de autores, instituição, número de instituições, ano de publicação, revista, palavras-chaves, qualis e categoria.

Os artigos foram classificados em três categorias: Identidade de Gênero, na qual os artigos analisavam os diferentes papéis sobre o gênero feminino e o gênero masculino além de discutir sobre a questão social, cultural e histórica sobre a relação entre a mulher e o futebol; Preconceito no futebol feminino, na qual os artigos analisavam os relatos acerca das dificuldades e motivações enfrentadas por

jogadoras de futebol feminino com enfoque principal no preconceito sofrido pelas jogadoras; e Mapeamento do futebol feminino, na qual os artigos buscavam analisar a produção do conhecimento sobre futebol feminino.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a coleta de dados foram encontrados ao todo dez artigos que versavam acerca da temática futebol feminino e as questões de gênero e preconceito.

Suas informações foram divididas em dois quadros, que buscaram trazer suas principais atribuições sobre os artigos estudados.

Os dois quadros possuem o intuito de transparecer os resultados encontrados na pesquisa. Todos os artigos passaram por uma análise rigorosa e foram lidos na íntegra para serem selecionados para este estudo.

Quadro 1 - Análise das principais revistas de educação física.

Principais revistas	Quantidade de artigos publicados	Distribuição dos artigos por anos	Universidades que mais publicaram o tema	Qualis das revistas	Tipos de pesquisa utilizados
Revista Movimento	3	2013, 2017	Paraná e Pernambuco	A2	Revisão de literatura; estudo de caso
Revista Pensar a Prática	3	2014, 2015	Mato Grosso, São Paulo e Paraná	B2	Estudo de caso; estudo experimental
Revista Brasileira de Ciência e Esporte	1	2017	Paraná	B1	Revisão de literatura
Revista Brasileira de Educação Física e Esporte	1	2016	Paraná	B1	Estudo de caso
Revista Motrivivência	1	2008	Paraná	B2	Estudo experimental
Revista Brasileira de Futsal e Futebol	1	2018	São Paulo	B2	Revisão de literatura
Revista de Educação Física da UEM	0	-	-	B2	-

Revista Brasileira Ciência e Movimento	0	-	-	A4	-
-------------------------------------------	---	---	---	----	---

No quadro 1, é possível observar que as duas revistas que mais publicaram artigos sobre o futebol feminino e as questões de gênero e preconceito foram a Movimento e a Pensar a Prática, com três artigos cada uma. Assim, a Revista de Educação Física da UEM e a Revista Brasileira Ciência e Movimento não publicaram nenhum artigo sobre a temática. Com apenas uma publicação, temos a Revista Brasileira de Futsal e Futebol, a Motrivivência, a Revista Brasileira de Educação Física e Esporte e a Revista Brasileira Ciência e Esporte.

Dessa forma, pode-se observar que as universidades do Paraná publicaram mais artigos sobre a temática em questão com cinco artigos, seguidas por São Paulo com dois artigos.

No que diz respeito ao tipo de pesquisa, é possível notar uma predominância dos estudos de caso e da revisão de literatura, ambas com três artigos, sendo seguidas pelo estudo experimental com dois artigos.

Quadro 2 - Análise dos artigos e suas categorias.

Nome da revista	Título do artigo	Objetivo	Categorias
Revista Movimento	Habilidosas e bonitas: as considerações de duas atletas de futebol sobre a formação de suas identidades.	O objetivo deste trabalho foi identificar como se posicionam atletas de futebol feminino com longa vivência na modalidade sobre suas identidades de gênero e os preconceitos que elas sofrem.	Identidade de gênero e preconceito no futebol feminino.
Revista Movimento	Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática.	O objetivo deste estudo é identificar as condições de existência do preconceito de gênero no futebol feminino à luz da literatura científica e discutir os aspectos socioculturais que os fundamentam.	Preconceito no futebol feminino e identidade de gênero.
Revista Pensar a Prática	Análise da percepção de jogadores de futebol amador sobre mulheres que praticam o futebol.	O presente estudo teve como principal objetivo analisar qual a percepção de jogadores de futebol amador da cidade de Aragarças - GO a respeito de mulheres que praticam o futebol.	Preconceito no futebol feminino.
Revista Motrivivência	Futebol feminino e as barreiras do sexismo	A pesquisa teve por objetivo observar	Identidade de gênero.

	nas escolas: reflexões acerca da invisibilidade.	jogadoras de futebol e suas autorrepresentações, como elas veem a participação das mulheres no futebol e se as escolas incentivam a prática dessa atividade, verificando questões de gênero.	
Revista Brasileira de Educação Física e Esporte	“Guerreiras de chuteiras” na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro.	O presente artigo tem como objetivo descrever e analisar relatos acerca das dificuldades e motivações enfrentadas por jogadoras de futebol no Brasil.	Preconceito no futebol feminino.
Revista Movimento	Uma história do futebol feminino nas páginas da revista Placar entre os anos de 1980-1990.	O presente artigo tem como objetivo apresentar uma história do futebol feminino contada pelas páginas da revista Placar entre os anos de 1980-1990.	Mapeamento do futebol feminino.
Revista Pensar a Prática	O futebol feminino e sua inserção na mídia: a diferença que faz uma medalha de prata.	O objetivo deste trabalho foi avaliar a exposição do futebol feminino na mídia impressa, em dois dos jornais de maior circulação nacional durante três meses de 2004.	Identidade de gênero.
Revista Pensar a Prática	O futebol feminino no campo acadêmico brasileiro: mapeamento de teses e dissertações (1990-2010).	O objetivo deste artigo é apresentar um mapeamento de teses e dissertações sobre o futebol feminino entre os anos de 1990 e 2010.	Mapeamento do futebol feminino.
Revista Brasileira de Futsal e Futebol	Preconceito no futsal e futebol feminino nas revistas brasileiras: uma revisão.	O objetivo do estudo foi identificar o que se tem publicado em torno da temática preconceito de gênero no futsal na literatura disponível nas revistas nacionais.	Mapeamento do futebol feminino, preconceito no futebol feminino e identidade de gênero.
Revista Brasileira de Ciências do Esporte	Olhos masculinos nascidos para a	O presente artigo tem como objetivo analisar	Preconceito no futebol feminino.

	contemplação do belo: a relação entre esporte e mulher na crônica esportiva brasileira.	como a mulher atleta foi retratada por renomados literatos brasileiros (homens) e como esporte feminino, com destaque para o futebol, que é manifesto em algumas crônicas esportivo-literárias brasileiras.	
--	-----------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

No que concerne aos dados do quadro 2, é possível observar que a categoria com mais artigos dentre os analisados foi preconceito no futebol feminino com seis dos dez artigos. Já a categoria identidade de gênero aparece com cinco artigos, seguida pelo mapeamento do futebol feminino com três artigos.

Sobre os artigos que discutem a questão do preconceito no futebol feminino, pode-se notar que foram abordadas várias situações, dentre elas: o posicionamento de atletas de futebol feminino com longa vivência dentro da modalidade e que não seguiram à risca determinadas normas de gênero; as condições de existência do preconceito de gênero no futebol feminino e os aspectos socioculturais; a percepção de jogadores de futebol amador a respeito de mulheres que praticam o futebol; os relatos acerca das dificuldades e motivações enfrentadas por jogadoras de futebol; as publicações sobre o preconceito de gênero no futsal na literatura disponível em revistas nacionais; e a forma como a mulher atleta foi retratada por renomados literatos brasileiros (homens) e como o futebol feminino é manifesto em algumas crônicas esportivo-literárias brasileiras.

Partindo dos resultados e considerações dos artigos que abordaram o preconceito no futebol feminino, Souza, Capraro e Silva (2017) afirmam que, a partir da entrevista com duas ex-atletas da seleção brasileira, pode-se observar a presença de marcas de pressões exercidas para uma adequação às normas de gênero, que se sucederam sobre os corpos de jogadoras de futebol.

Entretanto, mesmo se sentindo prejudicadas pelas pressões, as atletas

entrevistadas agem na consolidação dos padrões, fato que aponta para um posicionamento paradoxal das atletas.

Assim, é possível extrapolar que, apesar de serem vítimas do preconceito de gênero, alguns atletas não conseguem identificar este e agir de forma consciente na superação do sexismo.

Teixeira e Caminha (2013) apontam que as diferentes formas de manifestação de preconceito possuem raízes históricas e culturais, e que o sexismo presente no esporte é um reflexo da estrutura social dicotomizada em relação ao gênero.

No futebol feminino, as principais formas de preconceito são a segregação, a exclusão, o cerceamento da mulher em algumas práticas esportivas, a limitação na escolha destas práticas, a erotização do corpo feminino e a vigilância sobre a identidade de gênero das atletas.

Assim sendo, foi possível concluir que o mito do sexo frágil, as ideias de incapacidade e incompetência feminina e o controle biológico da aparência corporal da mulher são os aspectos sociais e culturais que fundamentam o preconceito e desencorajam a participação das mulheres no futebol.

O trabalho de Guirra e Almeida (2015) trouxeram um contraponto sobre o preconceito exercido pelos homens em detrimento das mulheres, mas que é visto pelos próprios autores como uma exceção diante da realidade geral.

Através de um questionário aplicado em jogadores de futebol amador da cidade de Aragarças-GO a respeito de mulheres que praticam o futebol, os autores analisaram que os jogadores de futebol amador reconhecem a importância do futebol feminino, além de concordarem que há falta de incentivo da mídia

e de outras entidades para o desenvolvimento da modalidade. A maioria dos homens entrevistados enxergaram que ainda existe o preconceito contra mulheres que jogam futebol e que a prática deste não pode influenciar na orientação sexual das praticantes.

Souza, Capraro e Silva (2017) trazem uma questão importante que dialoga com os resultados expostos no trabalho citado anteriormente. As autoras se propuseram a analisar algumas crônicas cujo assunto era a prática feminina, em especial as crônicas de Armando Nogueira e Nelson Motta, as quais demonstraram a supervalorização da estética corporal.

Em diversas situações, os cronistas colocaram suas impressões masculinas ao invés de debater acerca do desempenho atlético das mulheres. Além disso, as autoras trazem uma provocação importante no que diz respeito ao número de cronistas homens e mulheres, em que a presença destas ainda é baixa.

Salvani e Júnior (2016) realizaram entrevistas com quatro jogadoras de um clube de futebol amador de Curitiba-PR que defenderam a seleção brasileira. A partir das informações das entrevistas foi possível concluir que o preconceito de gênero e a falta de incentivo são situações frequentes na caminhada das atletas de futebol feminino no Brasil. Como uma tentativa de superar as barreiras impostas pela sociedade, as jogadoras precisam agir como verdadeiras guerreiras.

O último artigo que versa sobre o preconceito no futebol feminino é o de Tamashiro e Galatti (2018). No artigo, os autores notaram uma quantidade muito baixa de artigos sobre futsal feminino e o preconceito de gênero publicados nas principais bases de dados no Brasil, demonstrando que o estudo do tema ainda é insuficiente e caminha a passos lentos. Esse problema, segundo os autores, é reflexo da sociedade patriarcal e dos preconceitos que esta reproduz de geração em geração.

No que diz respeito à categoria identidade de gênero, apenas dois dos cinco artigos não versaram sobre o preconceito no futebol feminino.

Sendo assim, esses dois artigos tratam de duas questões fundamentais: as autorrepresentações de jogadoras de futebol e

como elas veem a participação das mulheres no esporte, como também se as escolas incentivam a prática do futebol e as questões de gênero inseridas; e a exposição do futebol feminino na mídia impressa em dois jornais de maior circulação nacional em 2004.

Dessa forma, Furlan e Santos (2008), ao observar jogadoras de futebol e suas autorrepresentações, verificaram que ainda são bastante presentes os preconceitos em relação ao futsal feminino, e que os homens são favorecidos em detrimento das mulheres em relação às condições de acesso e participação nas práticas corporais e esportivas. As autoras reforçam a necessidade dos professores de educação física e das escolas atuarem visando a transformação nas formas de abordar temas como o gênero e a busca por práticas não excludentes. Assim, seria possível desenvolver a equidade entre os gêneros.

Dando sequência na abordagem da categoria identidade de gênero, Martins e Moraes (2007), através da avaliação da exposição do futebol feminino na mídia impressa, apontaram para um aumento de mais de dois mil por cento (2.000%) no número de inserções durante os Jogos Olímpicos da Grécia.

Assim sendo, os autores identificam a necessidade da reconstrução do papel da mulher na sociedade atual, tanto pela sua inserção no cenário esportivo, quanto pela forma como a mídia aborda a questão. É necessário superar a falsa identidade do que deve ser o papel da mulher na sociedade e dar lugar ao discurso de valorização da mulher no esporte e, especialmente, no futebol.

No que diz respeito à categoria mapeamento do futebol feminino, os dois artigos que não foram previamente explanados abordam questões importantes, tanto sobre a presença do futebol feminino em uma revista, quanto a produção científica sobre o tema através de teses e dissertações.

Salvini e Marchi Júnior (2013), ao mapearem mais de quatrocentos (400) exemplares da revista Placar entre 1980 e 1990 e selecionar oito (8) de interesse, notaram que três informações principais sobre o futebol feminino foram veiculadas. Primeiro, a permissibilidade da prática do futebol pelo público feminino.

Segundo a habilidade feminina para jogar futebol. Terceiro, as características de feminilidade normativa nas jogadoras de futebol. A partir dos elementos citados, as autoras afirmam que o anseio da mídia em veicular o futebol feminino sempre foi associado ao ser feminino enquanto construção social de gênero pautado na sexualidade.

Por fim, Salvini, Ferreira e Marchi Júnior (2014), através de um mapeamento de teses e dissertações sobre o futebol feminino entre os anos de 1990 e 2010, encontraram uma possível aproximação entre o campo acadêmico e o esportivo, tendo em vista que o espaço ocupado pelo futebol feminino em ambos os campos é considerado periférico. Assim, as autoras afirmam que, mesmo estando às margens do campo acadêmico-científico, o estudo sobre o futebol feminino vêm sendo desenvolvido em diferentes polos de produção científica e acadêmica.

Para além disso, as autoras concluem que a prática do futebol pelas mulheres está em processo lento de inserção. Possivelmente, quando o futebol feminino atingir um nível maior de divulgação haverá uma influência no campo científico.

CONCLUSÃO

Os resultados apresentados neste artigo demonstram que no Brasil as mulheres que praticam o futebol feminino continuam a serem pouco retratadas pela mídia, sofrendo diversos preconceitos por serem mulheres, ouvindo vários comentários machistas, apesar do crescente número de mulheres competindo e sendo bem-sucedidas no esporte.

Conforme as análises efetuadas, há evidência que a produção científica sobre futebol feminino, a identidade de gênero e o preconceito é incipiente e os temas são pouco discutidos nas principais revistas da Educação Física. Em treze anos de análise (2007 a 2020), apenas dez artigos foram encontrados.

Então, pode-se concluir que o tema em questão deveria ser discutido com mais frequência, pois é de grande valia para os pesquisadores e para o público que tem afinidade com o tema, como também uma forma de contribuir para a diminuição da desigualdade entre pessoas dos gêneros masculino e feminino.

Pode-se observar que, mesmo com o passar dos anos, o preconceito com as mulheres no futebol feminino ainda cresce. O esporte, em pleno século XXI, ainda é masculinizado e as mulheres que o praticam sofrem com comentários e críticas negativas a seu respeito vinculados a modalidade. São poucas publicações sobre a temática mesmo em onze anos de análise, confirmando a dificuldade de escrita sobre o futebol feminino as relações de gênero e preconceito.

Segundo Salvini e Marchi Júnior (2016), o princípio das transformações das práticas e dos consumos esportivos deve ser buscado na transformação da oferta e da demanda.

Para que o futebol feminino pudesse ser uma prática comercializável, ou com valor de mercado, algumas prerrogativas como a masculinização das praticantes precisam ser destruídas - na medida do possível para outras como a feminilização, ou a adaptação da feminilidade aos campos de futebol, possam ser construídas.

Contudo, é importante visar que a modalidade só tende a crescer com o passar dos anos e esperamos que estes preconceitos diminuam, com a finalidade que as atletas possam praticar a modalidade sem medo de ser julgadas por suas escolhas.

REFERÊNCIAS

- 1-Batista, R. S.; Devides, F. P. Mulheres, futebol e gênero: reflexões sobre a participação feminina numa área de reserva masculina. EFDportes.com. Buenos Aires. Ano 14. Núm. 137. 2009.
- 2-Furlan, C. C.; Santos, P. L. Futebol Feminino e as Barreiras do Sexismo nas Escolas: reflexões acerca da invisibilidade. Motrivivência. Vol. 1. Núm. 30. p.28-43. 2008.
- 3-Gabriel, B. J.; Freitas Júnior, M. A. O discurso acerca da seleção brasileira presente na Folha de S. Paulo durante o ano de realização da "Germany World Cup". Revista Brasileira de Educação Física e Esporte. Vol. 30. Núm. 2. p. 371-383. 2016.
- 4-Goellner, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. Revista Brasileira

de Educação Física e Esporte. Vol. 19. Núm. 2. p. 143-151. 2005.

Recebido para publicação em 26/10/2021
Aceito em 20/12/2021

5-Guirra, F. J. S.; Almeida, J. V. Análise da Percepção de Jogadores de Futebol amador sobre Mulheres que praticam o Futebol. Pensar a Prática. Vol. 18. Núm. 3. p. 625-635. 2015.

6-Martins, L. T.; Moraes, L. O futebol feminino e sua inserção na mídia: a diferença que faz uma medalha de prata. Pensar a Prática. Vol. 1. Núm. 10. p. 69-81. 2007.

7-Rago, M. Trabalho Feminino e Sexualidade. História das mulheres no Brasil. In Priore, Mary Del (Org.). História das Mulheres no Brasil. São Paulo. Contexto. p. 578-606. 2007.

8-Salvini, L.; Ferreira, A. L. P.; Marchi Júnior, W. O futebol feminino no campo acadêmico brasileiro: mapeamento de teses e dissertações (1990-2010). Pensar A Prática. Vol. 17. Núm. 4. p. 1-14. 2014.

9-Salvini, L.; Marchi Júnior, W. Guerreiras de chuteiras na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte. São Paulo. Vol. 30. Núm. 2. p. 303-311. 2016.

10-Salvini, L.; Marchi Júnior, W. Uma história do futebol feminino nas páginas da Revista Placar entre os anos de 1980-1990. Movimento. Vol. 19. Núm. 1. p. 95-115. 2013.

11-Souza, M. T. O.; Capraro, A. M.; Silva, M. M. Habilidosas e bonitas: as considerações de duas atletas de futebol sobre a formação de suas identidades. Movimento. Vol. 23. Núm. 3. p. 883-894. 2017.

12-Tamashiro, L. I.; Galatti, L. R. Preconceito no futsal e futebol feminino nas revistas brasileiras: uma revisão. Revista Brasileira de Futsal e Futebol. São Paulo. Vol. 10. Núm. 41. p. 795-799. 2018.

13-Teixeira, F. L. S.; Caminha, I.O. Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática. Movimento. Vol. 19. Núm. 1. p. 265-287. 2013.